

## MERCADOS E PREÇOS

### CAFÉ

Durante o mês de Março reinou um ambiente de expectativa no mercado cafeeiro, havendo certa retração nos negócios. O estabelecimento do preço teto pelos Estados Unidos fez com que os compradores se retraissem e isso possivelmente teria forçado uma baixa nos preços caso o Governo Federal não houvesse tomado certas medidas de defesa. Assim foram estabelecidos, pela Divisão de Economia Cafeeira, preços mínimos de exportação, sendo fixado o preço de 52,75 cents por libra, F.O.B. Santos para o tipo básico que é o 4 mole, ou seja ... Cr. \$ 1.281,80 por sacco de 60 K. Deduzindo-se as despesas para colocar o produto a bordo, obteremos Cr. \$ 1.207,00 para o café posto nos armazens de Santos.

Outras providencias foram tomadas, tais como o controle rigoroso da qualidade de café exportado e o aumento das bases de financiamento que foram elevadas a Cr. \$ 1.000,00 por saca. A aplicação estrita dessas medidas tenderá a elevar as cotações em Nova York aos níveis do preço teto.

A situação estatística do produto continua a ser muito boa. A estimativa para a presente safra agrícola é praticamente igual a anterior. O consumo nos Estados Unidos deverá continuar bastante elevado, com tendencia a superar os níveis do ano passado em virtude das crescentes necessidades militares. Dessa forma, qualquer modificação brusca e substancial que ocorra no mercado, difficilmente terá como causa a situação estatística do produto.

Os preços no interior sofreram ligeiro declínio neste mês. O preço medio do café beneficiado foi de Cr. \$ 1.085,40 por sacco de 60 K., inferior em Cr. \$ 10,80 ao de Fevereiro.

### ALGODÃO

Em Março iniciaram-se as vendas de algodão em caroço da presente safra. O preço medio alcançado foi de Cr. \$ 134,80 por arroba ou seja, 97% a mais que o preço medio anual da safra anterior e ainda 131% superior ao preço de Março de 1950.

A grande alta acusada nesse período fundamenta-se na extraordinária posição estatística do produto. Para se ter uma ideia das excepcionais condições que apresenta o algodão, basta atentar-se para os seguintes dados:

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA DO ALGODÃO EM MILHÕES DE FARDOS DE 217 QUILOS

Safras Começando em 1º Agosto	SUPRIMENTO				DISTRIBUIÇÃO "CARRY-OVER"			
	"Carry-over" no começo da safra	Produ- ção	Impor- tação	Supri- mento total	Consu- mo	Expor- tação	no fim da safra	
Situação 1949/50	14,7	31,2	-	45,9	29,3	-	16,6	
Mundial 1950/51	16,6	27,3	-	43,9	32,0	-	11,9	
E.U.A.	1949/50	5,3	16,0	0,2	21,5	8,9	5,8	6,8
	1950/51	6,8	9,7	0,2	16,7	10,5	4,0	2,2

Por aí se verifica que a produção mundial na safra 1950/51 foi inferior ao consumo em cerca de cinco milhões de fardos. Em consequência iremos ter em Agosto deste ano um "carry over" mundial de 11,9 milhões de fardos, isto é, o menor destes últimos 20 anos. Nos Estados Unidos, a falta de algodão não é menor. Pelo quadro notamos que a produção em 50/51 não atendeu ao consumo. O "carry-over" em 1º de agosto deverá atingir apenas 2,2 milhões de fardos, ou seja, o menor destes últimos 25 anos. A gravidade desta situação levou o governo norte americano a empenhar-se em conseguir uma produção de 16 milhões de fardos em 1951/52.

Dessa forma o algodão paulista, similar ao americano foi colocado numa posição privilegiada. É o único algodão desse tipo, disponível para exportação, numa ocasião em que ha fome mundial do produto. É necessário acentuar que os Estados Unidos ainda que consigam o seu objetivo de produzir na safra deste ano 16 milhões de fardos, o que viria contrariar a opinião de muitos ~~em categorias de especialistas~~ no assunto, não estariam em condições de atender a procura mundial de algodão, continuando o produto paulista em magnífica posição. Se de outro lado, ocorrer uma redução substancial nessa futura safra americana (há calculos em torno de 13,5 milhões de fardos), isso produzirá uma angustiosa escassez mundial de algodão, criando condições para

a elevação dos preços a níveis imprevisíveis.

Não obstante a excelente posição estatística, os preços do algodão em pluma em São Paulo acusaram no mês de Março acentuada baixa, tanto no termo como no disponível. O tipo 5 no disponível registrou uma baixa de Cr.\$ 55,00 entre o início e o fim do mês. No termo e no mesmo período, as baixas variaram de Cr.\$ 75,00 a Cr.\$ 83,80 sendo mais sensíveis para os meses distantes.

As causas principais desta queda não estão claras. Nota-se sensível retração de certos mercados importadores. Também a falta de suficiente numerário para a aquisição do algodão aos preços atuais, vem entravando o volume dos negócios; e disso ressentem-se todos os meios ligados ao comércio do produto, desde os maquinistas até os industriais.

A safra paulista, segundo a última estimativa acusa um decréscimo de 10% em relação a 1ª previsão, sendo avaliada em 40.811.186 arrobas de algodão em caroço. Isto representa aproximadamente 215.000 toneladas em pluma. Se deduzirmos desse volume a quantidade necessária para atender o consumo do país, iremos ter somente 125.000 toneladas disponíveis para a exportação.

## OUTROS PRODUTOS

ARROZ :- Os preços do arroz no interior do Estado continuam baixos. O arroz em casca que, por ocasião do plantio, estava a Cr.\$ 125,00 o saco de 60 K. sofreu sucessivas quedas, atingindo em Março o preço médio de Cr.\$ 97,50.

A atual safra paulista - 13.011.325 sacos em casca - embora sendo inferior em cerca de 2 milhões de sacos da anterior, é considerada como suficiente para o consumo do Estado. Os excedentes da safra passada de São Paulo e dos Estados vizinhos, calculados em 2,5 milhões de sacos beneficiados, não tiveram total escoamento. A exportação por Santos atingiu em 1950 somente a 764.220 sacos.

É de se salientar que os preços de arroz em casca no interior estão a níveis inferiores aos garantidos pelo Governo Federal pela lei 615.

FEIJÃO :- Os preços no interior, atingindo Cr.\$162,00 por sa-  
co de 60 K., apresentaram uma alta de Cr.\$ 13,50  
sobre os preços de Fevereiro e um aumento de Cr.\$ 48,50 sô-  
bre os de um ano atrás. Reflete essa alta uma diminuição da  
safra seca em São Paulo e possivelmente na dos Estados visi-  
nhos.

MILHO:- Os preços no interior continuam em alta desde Agosto,  
alcançando em Março Cr.\$ 66,60 por sacco de 60 K.. No-  
ta-se que neste último ano com início da colheita, o milho, ao  
contrario dos anos anteriores, teve seus preços aumentados.  
Pode-se explicar esse fato, em parte pela atual safra ser me-  
nor em mais de 2 milhões de sacos da anterior e também, pelas  
exportações que em grande quantidade estão sendo feitas pelo  
porto de Santos nos últimos meses. Assim foram exportados no  
1º trimestre deste ano 53.924 toneladas, volume bastante pre-  
ciavel se compararmos com 13.965 toneladas exportadas em  
1950 e com as 99.668 exportadas em todo o ano de 1945, que ag-  
sinalou o máximo de nossa exportação desse cereal.

AMENDOIM:- No início do mês, continuaram as violentas quedas  
de preço, iniciadas em fins de Fevereiro. A prin-  
cipal causa dessa baixa, foi o receio dos industriais do óleo  
em pagar os preços anteriormente vigentes, diante da volumosa  
safra em perspectiva e dos efeitos sobre os preços do óleo.  
Entretanto, após amistosos entendimentos havidos, os preços  
reagiram levemente, sendo que o preço medio no interior foi  
em Março de Cr.\$ 50,80 por sacco de 25 quilos em casca.

MAMONA:- Os reflexos da situação internacional continuam a in-  
cidir sobre os preços da mamona que acusam alta cons-  
tante. O preço medio no interior do Estado foi este mês de  
Cr.\$ 3,91 por quilo, ou seja quasi Cr.\$ 1,00 a mais que em De-  
zembro último e Cr.\$ 2,35 a mais que em Março de 1950.

Convém notar que no setor agrícola de Jauú, o mais impor-  
tante do Estado pelo volume da produção, o preço durante o mês  
atingiu Cr.\$ 4,60 por quilo.

BATATA:- Após uma queda ocorrida durante a colheita da safra  
das aguas, o preço no interior reagiu, atingindo em  
Março, Cr.\$ 160,90 por sacco de 60 K., ou seja, um aumento de  
Cr.\$ 25,00 em relação aos preços de Fevereiro.